

Pistas falsas

OS LIVROS DO OBSERVATÓRIO formam uma coleção voltada para a reflexão sobre as tendências da cultura e da política cultural no Brasil e no mundo. Numa época em que as inovações tecnológicas reelaboram com crescente rapidez o sentido da cultura, uma investigação ampla sobre os velhos e novos conceitos em uso nesse campo é a condição necessária para a formulação de políticas de fato capazes de contribuir para o desenvolvimento humano, muito além do desenvolvimento apenas econômico.

PISTAS FALSAS

Uma ficção antropológica

Néstor García Canclini

TRADUÇÃO

Maria Paula Gurgel Ribeiro

 ItaúCultural

ILUMIURAS

Coleção *Os Livros do Observatório*
dirigida por Teixeira Coelho

Copyright © Teixeira Coelho

Publicado por Itaú Cultural
e Editora Iluminuras

Copyright © 2020

Projeto gráfico
Eder Cardoso | Iluminuras

Capa
Michaela Pivetti

Imagem de capa
Regina Silveira, *Cascata*, 2020
Original é impressão digital sobre vinil adesivo.
Exibido na exposição *Limiares*, Paço das Artes,
São Paulo. Foto: Bruna Goldberger

Preparação
Jane Pessoa

Revisão
Monika Vibeskaia
Bruno D' Abruzzo



Memória e Pesquisa | Itaú Cultural

Canclini, Néstor García.
Pistas falsas: uma ficção antropológica / Néstor García Canclini; tradução Maria
Paula Gurgel Ribeiro. - São Paulo : Itaú Cultural : Iluminuras, 2020.
140 p.: il.

ISBN 978-85-7321-626-4 (Iluminuras)
ISBN 978-85-7979-129-1 (Itaú Cultural)

1. Sociologia. 2. Diversidade identitária. 3. Tecnologia. 4. Políticas culturais. 5. Ficção.
I. Instituto Itaú Cultural. II. Título.

CDD 305.8

Bibliotecário Jonathan de Brito Faria CRB-8/8697

2020
EDITORA ILUMINURAS LTDA.
Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: 55 11 3031-6161
iluminuras@iluminuras.com.br
www.iluminuras.com.br

O Itaú Cultural (IC), em 2019, passou a integrar a Fundação Itaú para Educação e Cultura com o objetivo de garantir ainda mais perenidade e o legado de suas ações no mundo da cultura, ampliando e fortalecendo seu propósito de inspirar o poder criativo para a transformação das pessoas.

Equipe Itaú Cultural

Presidente
Alfredo Setúbal

Diretor
Eduardo Saron

Núcleo Observatório

Gerente
Marcos Cuzziol

Coordenador
Luciana Modé

Produção
Andréia Briene

SUMÁRIO

Pistas falsas

9

Presentimentos do que pode acontecer, 13
A mudança de Hitler, 17
Aproximar-se, 25
Visita não guiada, 27
Dissidências no supermercado, 31
Leitores póstumos, 35
Do diário de campo, 1, 45
Subornos, 47
Diário de campo, 2, 55
Cidades densas, 57
Diário de campo, 3, 71
A China não conhece a épica, 75
Aldeias abandonadas.com, 81
Diário de campo, 4, 91
Falei demais?, 95
Monotonia do mal, 99
Nemtudocheiramalnadinamarca, 111
Modos de ficar, 117
Diário de campo, 5, 119
Per-versões, 121
Agradecimentos, 131

PISTAS FALSAS

Uma ficção antropológica

Para Ana

PRESENTIMENTOS DO QUE PODE ACONTECER

Goya viu Hitler antes que Hitler visse Goya. Ao ler essa frase de Michael Nyman, o arqueólogo chinês sentiu que uma fantasia insinuada nos últimos anos tomava forma. Em outros tempos, ficaria pensando nesse paradoxo, ou procuraria averiguar quem era Nyman. No verão de 2029, cansado de trabalhar em escavações em seu país para extrair livros de contabilidade e relatórios sobre catástrofes ecológicas escondidos por empresas fraudulentas, decidiu retomar seus estudos de espanhol no Instituto Cervantes e viajar para a América Latina.

Havia aprendido a língua porque sentia atração pelos escritores argentinos e mexicanos. Agora queria trabalhar nesses países. Intrigavam-no os relatos sobre banqueiros e donos de imobiliárias chinesas fugidos para o Ocidente a fim de escapar da perseguição judicial. Também as centenas de milhares de empregados das empresas quebradas que migravam para cidades europeias e latino-americanas. Em seus e-mails, descreviam mudanças bruscas nas quais parecia ter se esgotado algo que já não chamavam de modernidade nem de globalização, mas ele não entendia o que era. Como havia se dado a mutação de partidos políticos em corporações teatrais, nas quais sobreviviam, como ficção, os debates parlamentares e as polêmicas ideológicas? Por que a contaminação nas metrópoles latino-americanas superava os índices de outras regiões e a violência fazia com que morressem mais jovens que adultos?

Tinha que se apressar, porque muita informação fora perdida nas primeiras décadas do século XXI. Os arquivos iam desaparecendo em porões inundados, e era difícil fazer arqueologia rastreando evidências isoladas. Restaram alguns anuários estatísticos e pesquisas de consumo em lares, quase nenhum relatório em que titubeasse a vida cotidiana. As velhas etnografias haviam sido gravadas em DVD e em programas informáticos descontinuados. Como as políticas de arquivo mudavam com as inovações tecnológicas que ocorriam em anos ímpares e as mudanças de governo não coincidiam, a maioria dos documentos dormia em formatos desativados. Os vídeos e as fotos comprados pelo Instituto de Estudos Ibero-Americanos de Xangai, salvos do abandono quando foram fechando os departamentos de patrimônio e os museus latino-americanos, não eram suficientes para compreender como ressoava o desmoronamento das utopias na vida ordinária.

Imaginava que iria desenvolver sua postergada inclinação para a antropologia, alcançar uma visão mais íntima de culturas distantes que o teatro construído com pedras, ossos e estuques. Com certeza fuçaria nas ruínas, mas sobretudo queria falar com os ex-funcionários e os antigos visitantes, conhecer a desordem das metrópoles e o que a internet havia feito em povos com histórias democráticas.

Escolhera ir para a América Latina não só atraído pela literatura e pelo que suspeitava de suas cidades. Também porque os pedaços de informação que lhe chegaram ao trabalhar uns meses nos serviços secretos chineses lhe sugeriam menos transtornos futuros nessa região. Dentro do que alguns chamavam de “a geografia da paranoia”, supunha-se que as guerras físicas, com bombardeios e populações arrasadas, iriam se reduzir aos poucos, e os ataques entre superpotências seriam feitos usando bombas lógicas, como havia ocorrido em 2022 quando a Coreia do Norte, talvez aliada com o governo chinês, imobilizou o tráfego em Los Angeles durante quarenta e oito horas e por quase uma semana o metrô de Paris. O uso de ciber-recursos e bactérias, pelos terroristas islâmicos, se dirigia contra os Estados Unidos e a Europa, não

contra a Argentina ou o Peru, onde as comunidades asiáticas e árabes cresciam sem maiores conflitos. Faltavam-lhe dados para antecipar, mas entre todas as ameaças, as mais leves estavam no Sul.

Abatido pelas revelações sobre corrupção na China e por seu eclipse em túneis burocráticos, ao escrever o projeto para a bolsa se centrou nas mudanças da cultura institucional e cotidiana no início do século XXI. Confiava que a autonomia da arte, da literatura e da internet na América Latina, incomparável com a da China, reanimaria seu trabalho. Os amigos sul-americanos que viviam em Xangai ou Beijing, no entanto, relatavam-lhe peripécias atuais em seus países com tanta distância como se falassem dos processos de independência do século XIX.

— São países sem futuro. Venderam tudo para empresas chinesas, estadunidenses e canadenses, e quando os minerais e a água acabarem, as empresas irão embora.

Não aceitava esse fatalismo. Não correspondia com o que estava conhecendo de literatura e cinema argentino, brasileiro ou mexicano. Além disso, não era parte do que o incomodava na China, que fosse um império com futuro demais?

Entendia mais a desilusão política na Europa pelo avanço fascista na Áustria, na França, na Grécia, na Hungria e na Polônia. Onde não? Se lhe falavam da degradação urbana na América Latina, pensava que não eram menores o delírio do tráfico e as doenças por contaminação nas cidades do Leste chinês.

Preparou uma primeira viagem para a Argentina. Decidiria se ali iria ficar.